

GALE RIA



> <https://doi.org/10.20396/proa.v13i00.18592>



Apresentação: Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual 2022

Jinx Vilhas

> danielvilhas@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas

Júlia Vargas

> juliavargasb.jv@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas

Giovanna Paccillo

> paccillo98@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas

Paloma Cassari

> cassari.pan@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas


PROA

Revista de Antropologia e Arte




> Apresentação: Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual 2022


Jinx Vilhas

 <https://orcid.org/0000-0002-2045-5067>
danielvilhas@gmail.com
Doutoranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas


Júlia Vargas

 <https://orcid.org/0000-0003-1029-6661>
juliavargasb.jv@gmail.com
Doutoranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Giovanna Paccillo

 <https://orcid.org/0000-0003-3325-8457>
paccillo98@gmail.com
Doutoranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Paloma Cassari

 <https://orcid.org/0000-0002-0569-0018>
cassari.pan@gmail.com
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Anualmente, o corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) realiza as Jornadas de Antropologia John Monteiro. Desde 2011, o evento consiste em uma semana acadêmica dos cursos de mestrado e doutorado, que reúne discentes de pós-graduação em antropologia e áreas afins, construindo um importante momento de integração, troca de conhecimentos e fortalecimento de redes. A programação do evento compreende desde mesas e oficinas, até a apresentação de artigos em Grupos de Trabalho (GTs) e o Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual. Este, por sua vez, é organizado conjuntamente pela comissão organizadora das Jornadas de Antropologia John Monteiro, e pelo comitê editorial da Proa: Revista de Antropologia e Arte.

O Prêmio Mariza Corrêa é uma iniciativa voltada para o reconhecimento das produções visuais e audiovisuais que dialogam com a antropologia e o fazer etnográfico. Trata-se de uma oportunidade e de um importante espaço de debate, exposição e valorização de ensaios produzidos por discentes e ex-discentes de graduação e pós-graduação de todo o país. A interlocução entre diferentes temas, abordagens, técnicas, contextos e teorias é uma característica fundamental do Prêmio, que sempre prezou pela ampliação das discussões e promoção do efetivo diálogo acadêmico. Assim, a premiação também visa estimular a criatividade e as experimentações no fazer antropológico, considerando as inúmeras e ricas possibilidades de construção e reflexão no nosso campo de estudos.

Desde 2017, a comissão do Prêmio – que é renovada a cada edição e comumente formada por membros da revista e da organização das Jornadas, além de pareceristas externos – é responsável por selecionar os trabalhos vencedores em cada modalidade. Na edição de 2022 do Prêmio, para além das já consagradas modalidades “Ensaio fotográfico” e “Ensaio audiovisual”, inauguramos a modalidade “Desenhos e colagens”. Essa decisão foi tomada com o objetivo de dinamizar e arejar as possibilidades criativas abarcadas pelo Prêmio, considerando a relevância e as particularidades do desenho e das colagens no fazer etnográfico. Em virtude da pandemia de COVID-19, apesar de as Jornadas John Monteiro 2022 terem sido realizadas de forma híbrida, a exposição dos trabalhos se deu ainda por meio virtual, como vinha sendo feito desde a edição de 2020. No ano de 2022, também pudemos contar com a extraordinária e generosa parceria da Editora Ubu, sempre engajada com os debates nas ciências sociais, que nos proporcionou a possibilidade de incluir algumas de suas obras como parte da premiação aos ensaios vencedores. À Editora Ubu, nosso profundo agradecimento.

Agradecemos também às especialistas responsáveis pelos pareceres que nos ajudaram a fazer a seleção: Karina Kushnir (UFRJ), Fabiana Bruno (UNICAMP) e Márcia Mansur (UNICAMP).

Abaixo, mencionamos os trabalhos que foram aprovados e concorreram em cada modalidade, e apresentamos os vencedores de cada categoria e as menções honrosas.

Ensaio fotográfico

Nesta modalidade, concorreram oito trabalhos:

Agora não se ouvia nada. Só o silêncio. Só o abismo daquele silêncio, de Alex Hermes (UFRN);

Recampezinização: um diário de campo em imagens na Colômbia, de Alejandro Hoyos (UFRN);

Paraíso apinhado: por outros enquadramentos dos Lençóis Maranhenses, de Benedita de Cássia Ferreira Costa;

Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas: aldear e ocupar a universidade, de Juliana Jodas;

Lugares de memória: pisando, apresentando e registrando o território quilombola do Bairro de Fátima, de Livia Rabelo (UFRJ) e Rosangela Lisboa dos Santos (Grupo Afro Ganga Zumba);

Do terreiro pra vida: ancestralidade da Umbanda afro-brasileira, de Matheus da Rocha Viana (UFPB);

Frivolidades brincantes: aquendendo os Reisados aos pés do Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE de Ribamar José de Oliveira Junior (UFRJ);

Dia dos mortos no segundo ano de pandemia: as fases de vivenciar a morte no cemitério Senhor da boa sentença no “novo normal”, de Weverson Bezerra Silva (UFPB).

No ensaio vencedor, *Lugares de Memória: pisando, apresentando e registrando o território quilombola do Bairro de Fátima*, Livia Rabelo (Museu Nacional/UFRJ) e Rosangela Lisboa dos Santos (Grupo Afro Ganga Zumba) trazem uma abordagem antropológica e politicamente engajada sobre os processos de resistência e memória da Comunidade Quilombola do Bairro de Fátima, em Ponte Nova-MG. O ensaio fotográfico, elaborado de forma colaborativa, retrata as relações entre território e as pessoas que resistem aos processos de apagamento e se articulam comunitariamente na região: “[...] este trabalho tem, portanto, um caráter político – ao contribuir para o não apagamento das memórias e histórias da comunidade – e antropológico – ao compreender as relações entre as antigas famílias locais, suas memórias ancestrais e os espaços que as compõem”.

O ensaio *Frivolidades Brincantes: aquendendo os Reisados ao pé do Padre Cícero em Juazeiro do Norte - CE*, de Ribamar José de Oliveira Junior (UFRJ) foi agraciado com a menção honrosa da categoria. No trabalho, o autor nos apresenta o universo das performances de brincantes LGBTQIA+ nos Reisados em Juazeiro do Norte-CE, trazendo um belo e sensível ensaio sobre as relações entre cultura popular, religiosidade, gênero e sexualidade. As brincantes são retratadas em seu cotidiano e nos momentos de montagem e preparação dos trajes para a devoção ao Padre Cícero no cortejo de Reis em Juazeiro do Norte em 2021. Segundo o autor, o ensaio se trata de “uma abertura para imaginar a tradição pelas fabulações transviadas dos corpos que devotam e fazem da performance um outro modo de estar junto”.

Desenhos e colagens

Nessa modalidade, concorreram dois trabalhos:

Entre palavras e coisas: os grupos digitais de estimulação cognitiva para pessoas com demência, de Bárbara Rossin Costa (UFRJ);

e *Desenhando o entrelaçar do Cerrado goiano com as ruínas: em busca de uma simbiose possível entre humanos e não humanos*, de Katianne de Sousa Almeida (UFG)

Bárbara Costa explora, em *Entre palavras e coisas: os grupos digitais de estimulação cognitiva para pessoas com demência* as possibilidades do desenho como registro etnográfico para examinar “as dinâmicas conduzidas e os agenciamentos produzidos entre pessoas-materiais-ambiente”. No ensaio vencedor da categoria, a autora aborda as relações múltiplas estabelecidas em grupos digitais voltados para pessoas com demência durante as políticas de distanciamento social na pandemia de COVID-19. Assim, os arranjos e rearranjos desses encontros são pensados e retratados em suas relações com a materialidade e entre as pessoas envolvidas nas interações. Para Bárbara Costa, interessava-lhe “investigar como utensílios domésticos, cartões com palavras, músicas, adereços, frutas, flores e temperos agenciam e (co)produzem sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar), memórias, corpos, contextos sintáticos e semânticos”. O desenho “A redescoberta do corpo”, integrante do ensaio, inclusive, compõe a capa do presente volume da Proa.

Agradecemos, ainda, o ensaio *Desenhando o entrelaçar do Cerrado goiano com as ruínas* com a menção honrosa nesta categoria. No trabalho, Katiane Almeida reflete sobre o Cerrado goiano e as relações multiespécies em meio ao contexto de mudanças climáticas e ataques às produções científicas, sobretudo das ciências humanas, no Brasil. Segundo a autora, baseada no pensamento de Donna Haraway, “é preciso responder a questão de como viver nas ruínas e imaginar uma sintonia entre humanos e não humanos, por meio de posturas inovadoras”. Assim, o ensaio também nos provoca sobre as possibilidades do desenho, em suas múltiplas formas e técnicas, como instrumento metodológico e reflexivo do fazer antropológico diante das ruínas do antropoceno.

Ensaios audiovisuais

Nessa modalidade, concorreram cinco trabalhos:

buscando murmúrios, de Gabri Kucuruza (FGV);

Nossas Mãos São Sagradas, de Júlia Morim (UFPE);

Em Busca do Outro: a fotopoética de Clarice Lispector e Claudia Andujar, de Luiza Serber (Unicamp), Giulia Luz, Milena Rabelo (UFPI), Sonia Gau Angelo (UDELAR);

Caminhos à Bangu, de Marcelo de Medeiros Reis Filho (UERJ);

Rebuliço, de Marcella do Carmo (UFJF) e Noah Mancini (UFJF)

No ensaio audiovisual vencedor, *Nossas Mãos São Sagradas*, Morim acompanha parteiras e aprendizes do povo Pankararu em Pernambuco. O filme, uma correalização do Museu da Parteira e da Bebinho Salgado 45, traz relatos, vivências e trajetórias dessas mulheres, explorando as relações e significados do ofício de parteira na comunidade. “Para as mulheres do povo Pankararu, em Pernambuco, ser parteira e trazer novas vidas ao mundo por suas mãos envolve dom, coragem, respeito, ancestralidade”. Assim, ao longo de seus vinte minutos, o ensaio promove um diálogo sensível e de grande relevância sobre os sentidos que produzem e são produzidos pelas experiências das parteiras e das mulheres Pankararu.

Rebuliço, de Marcella do Carmo e Noah Mancini, recebeu menção honrosa nesta categoria. O ensaio se trata de um documentário biográfico sobre Mc Xuxú, funkeira travesti e feminista de Juiz de Fora (MG). A partir de entrevistas, depoimentos, trechos de vídeos e acompanhamento do cotidiano da artista pelas ruas da comunidade em que vive, os autores abordam a trajetória de sua vida e carreira, refletindo sobre as vivências de Mc Xuxú desde uma perspectiva contra hegemônica. O filme traz um olhar profundo sobre a vida da artista, suas relações com a comunidade, com sua família e com sua profissão.

Por fim, ressaltamos nossos sinceros agradecimentos a todas as pessoas que participaram do Prêmio Mariza Corrêa 2022. Sem dúvidas, todos os ensaios que integraram a mostra e a premiação são de altíssima qualidade e contribuem para enriquecer o campo e os debates dialógicos entre antropologia e arte. É nesse sentido que convidamos a todos a conhecer os ensaios vencedores, agora publicados na seção “Galeria” da Proa.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin



“Apresentação: Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual 2022”, de autoria de Jinx Vilhas, Júlia Vargas, Giovanna Paccillo e Paloma Cassari, está licenciado sob CC BY 4.0.

